

---

# A INTERVENÇÃO DO SURFISTA NO CONTROLE DO AFOGAMENTO

OSNI PINTO GUAIANO<sup>1</sup>

Universidade Paulista – UNIP - Instituto de Ciências da Saúde,  
Campi Bauru & Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático

## RESUMO

Pesquisamos sobre a intervenção do surfista no controle do afogamento, pois na atualidade mais de 1,4 milhões de pessoas afogam-se no Brasil. São de 6 a 8 mil vítimas fatais (463,07 óbitos/100.000 afogamentos), 35% ocorrem nas praias. Isto suscitou questões importantes relacionadas com aulas de salvamento aquático para surfistas, além dos escolares. Participaram como amostra deste trabalho (n= 37) sujeitos ativos da comunidade brasileira dos surfistas de peito (CBSP), 94,59% Homens e 5,41% Mulheres, além de (n= 54) sujeitos do Sistema de Educação Superior (SES): 83,33% graduandos, 3,7% graduados e 12,96% pós-graduados. 82% dos surfistas sentem-se bem no mar, com ondas de 1,5 a 2 metros de altura. 37,84% têm entre 26 e 30 anos. Do SES, 70% relataram que o surfista pode executar o serviço de prevenção, e 74% descreveram que o surfista pode salvar enquanto pratica o surf. Dos surfistas, 95% gostariam de realizar curso de salvamento aquático. 46% adquirem revistas especializadas, publicações que podem promover aprendizagem pela educação a distância. Todavia, sem conhecimento específico, 84% dos surfistas já tomaram parte de salvamentos no mar, mas 30% asseguraram ter sentido medo ao realizar tais salvamentos. Inclusive, do total, 32% já presenciaram mortes por afogamento. Da amostra do SES, 85% observaram que os surfistas podem auxiliar pessoas se afogando, mas ressaltaram que necessitam de conhecimentos específicos. Este trabalho sugere que promover a educação para o controle do afogamento poderá minimizar o alto índice de afogamento no litoral brasileiro, além de fomentar a discussão deste conhecimento na Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** Surf // Salvamento aquático // Prevenção // Afogamento

---

<sup>1</sup>Rua Elzeário Barbosa, 2-24. Vila Mariana. Bauru, SP - Brasil. Cep 17017-110 Tel.: (14) 9744-0744. E.mail: [osniguaiano@aol.com](mailto:osniguaiano@aol.com). Professor de Educação Física – especialista em controle do afogamento; Diretor Administrativo da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (SOBRASA); Membro da Federação Latino-Americana de Salvamento Aquático Desportivo (FLASAD); Instrutor Internacional de Salvamento Aquático pela International Life Saving Federation (ILS).

## 1 INTRODUÇÃO

A costa brasileira possui em torno de 7,9 mil quilômetros em toda sua extensão.<sup>5</sup> A Diretoria de Hidrografia e Navegação (DNH) aponta que a temperatura média da água do mar ao longo da costa é de aproximadamente  $22,97^{\circ}\text{C} \pm 2,31$ .<sup>4</sup> Esta temperatura beneficia a população jovem, desafiadora e inovadora, a praticar o surf. Inclusive, Baboghluian (2001)<sup>3</sup> com os dados de Brasmarket, Gazeta Mercantil, além de divulgar que o Brasil possui cerca de 3,5 milhões de surfistas, revela que nossa nação é a terceira em número de praticantes perdendo apenas para EUA, incluindo o Hawaii, e a Austrália.

O levantamento epidemiológico realizado por Steinman et al. (2000),<sup>16</sup> com objetivo de caracterizar e descrever a incidência das lesões no surf, além de diferenciar três grupos de surfistas (amadores, profissionais e recreacionais) mostrou que a prática do surfe nas praias brasileiras tem atraído cada vez mais crianças e adolescentes.

Em 1998, constatou-se que no Brasil aconteceram quase 1,3 milhões casos de afogamento, em torno de oito mil vítimas chegaram ao óbito, sendo 35% nas praias e do total de mortes perto de 65% foram crianças.<sup>19</sup> Esta é a resumida radiografia do afogamento no Brasil.

O surf é um esporte individual equilibrístico praticado por crianças, jovens e adultos, exercitado por ambos os sexos, contribui para desenvolver as capacidades condicionantes (força, resistência, velocidade e flexibilidade) e coordenativas (coordenação, agilidade, equilíbrio - dinâmico, estático e recuperado).

Para Almeida (2001),<sup>1</sup> o surf tem pontos positivos e negativos como todos os esportes. O surf é considerado esporte radical, mas também muito saudável, porque ao

mesmo tempo em que oferece lazer às pessoas, as condiciona fisicamente, melhorando com isso a qualidade de vida do praticante. Contudo, Almeida também faz observações antagônicas sobre o esporte e descreve que o surf só pode ser praticado em locais banhados pelo mar; é perigoso dependendo das condições do mar em que se pratica o esporte; é causador de desvios na coluna em alguns surfistas, devido ao fato do praticante, quando rema sobre a prancha, ao mesmo tempo, fica com a cabeça erguida e o tórax levantado para poder observar melhor as ondas.

As relevantes observações relatadas por Almeida, se manifestam também em Steinman et al. (2000),<sup>16</sup> ao citarem alta prevalência de dores lombares recorrentes e dores no pescoço.

O surf é um grande esporte e uma grande terapia porque está ligado à natureza, o que apesar de ser muito difundido e praticado, necessita ser descoberto por muitas pessoas, e contrair esta vivência em piscinas é uma boa oportunidade para as pessoas que vivem longe do mar, comenta Almeida (2001).<sup>1</sup>

O surf é um esporte positivo biopsicossocialmente, de intensidade que varia entre o suave e o intenso. Composto por elementos rudimentares (remar, sentar e girar), fundamentais (transpor a linha de arrebentação e ficar de pé ao descer a onda) e avançados (as manobras características do esporte). Sua coordenação neuromuscular varia entre o simples e o complexo, quando praticado nas ondas é considerado como o esporte dos reis.

Porém, ser um exímio surfista e ter bom preparo físico não são garantias para sair de situações de perigo iminente, mas a maioria acha que saber surfar e nadar é o suficiente para evitar o afogamento ou mesmo para ajudar alguém que está se afogando. É claro que tais conhecimentos ajudam, mas só mesmo quem conhece as técnicas de salvamento aquático, pode realmente enfrentar situações de perigo e pânico e conseguir escapar do

perigo de vida. Mar revolto, escuridão, temperatura baixa, adrenalina altíssima são alguns fatores que podem prejudicar o salvamento no mar. Entretanto, com algumas técnicas como o nado específico de reboque aliado a utilização da prancha de surf, equipamento de flutuabilidade, ou de outros materiais auxiliares é possível vencer o perigo e se salvar, ou salvar alguém.

## 2 METODOLOGIA

A forma que encontramos para organizar este trabalho foi a descritiva e para este fim, investigamos a bibliografia e analisamos dados gerados pelo uso de questionários.

Enriquecemos a pesquisa ao obtermos via *e.mail* documentos da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN), registros de ocorrências de afogamento, do período entre 1986 e 2004, dos Corpo de Bombeiros Militar do Estado Rio de Janeiro (CBMERJ) e do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo (SALVAMAR PAULISTA), e do período entre 1995 e 2004, do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo.

Mais adiante, da *web* coletamos subsídios do Ministério da Saúde (MS), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Nossa amostra contou com (n= 37) sujeitos da Comunidade Brasileira dos Surfistas de Peito (CBSP) e com (n = 54) integrantes do Sistema de Educação Superior (SES), todos pertencentes ao curso de graduação em Educação Física, oriundos das Faculdades Integradas de Guarulhos e da Universidade Paulista, sendo 33% de docentes e 67% de discentes.

Os dados foram apurados com auxílio do *software Microsoft Excel* e da calculadora HP.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das variáveis fisiológicas são representados separadamente por idade e sexo, pois níveis de escolaridade não representam pontos de referência. No entanto, conferimos os níveis de escolaridade das amostras, com objetivo de as caracterizarmos. Posteriormente, examinamos as concepções dos surfistas e dos graduandos e graduados em Educação Física.

Da amostra da CBSP, 94,59% são homens e 5,41% mulheres. A maioria, 37,84% possuem idade entre 26 e 30 anos. Enquanto 59,46% possuem nível escolar superior, 21,62% estão com o curso de graduação em andamento.

Do SES, 74,07% são do sexo masculino e 25,93% do sexo feminino. A maior parte, 48,15% possuem idade entre 21 e 25 anos. Enquanto 29,62% cursam o sétimo período do curso de graduação, 53,71% freqüentam o terceiro período. Do total de professores formados, 12,96% são pós-graduados, mestres e doutores, enquanto 3,7% não possuem qualquer especialização.

A interpretação dos resultados do presente estudo deve ser feita com algumas reservas, mas considerando-se que o planeta Terra possui cerca de  $\frac{3}{4}$  de sua superfície coberta por água e em decorrência dos desenhos e estudos epidemiológicos do afogamento<sup>12,19,20,21</sup> fica evidente que algo necessita ser realizado para o seu controle.

Assumindo os valores limítrofes da pesquisa, constatou-se que 70% da amostra da CBSP não possuem medo de realizar salvamentos no mar. Somente dois por cento preferem

surfistas com até um metro de altura, 82% ondas de 1,5 à dois metros de altura e 16% se sente bem no mar com ondas acima de 2 m de altura. A propósito, no entendimento de Peresenda (2001),<sup>14</sup> a prática de salvar vidas na água, deve também ser realizada pelas pessoas que não são guarda-vidas, as quais exercem modo de vida no entorno aquático.

Neste estudo, a metodologia utilizada para estimar se algum sujeito da CBSP já presenciou alguma morte por afogamento apontou que 68% dos avaliados não observaram qualquer tipo de ocorrência do gênero. Entretanto Rosa (2001),<sup>15</sup> pesquisando sobre a utilização de mão-de-obra voluntária no sistema de salvamento marítimo (Projeto salva-surf) encontrou 51% de avaliados em situação oposta, ou seja, que já assistiram mortes por afogamento. De qualquer maneira, embora o ato de prevenir possa aparentemente não parecer à população, como “heróico”, são eles os alicerces da efetiva redução na mortalidade destes casos.<sup>18</sup>

É prematuro afirmar que, a ação de surfistas que praticam o esporte com ou sem prancha apresentarão resultados satisfatórios em relação a prevenção e controle do afogamento. Não obstante, alguns achados merecem ser melhor discutidos. É o caso, por exemplo, do projeto Salva Surf realizado em Cabo Frio, Região dos Lados do Estado do Rio de Janeiro e do projeto Surf Salva Brasil realizado na Academia Projeto Acqua, São Paulo – capital.

Excepcionalmente, para avigorar nossa causa, segundo o juízo dos discentes e docentes do curso de graduação em Educação Física, os quais fizeram parte de nossa amostra, 70% observaram que o surfista pode exercer o serviço de prevenção de afogados enquanto pratica o surf. Independentemente de instrumentos de avaliação e/ou valores, percebe-se, até com alguma facilidade, que o envolvimento dos surfistas, por meio de

programas de capacitação direcionados a prevenção e ação diante do afogamento é necessário.

Referente ao vínculo que se pretende estabelecer entre a contribuição do surfista e o controle do afogamento há que se considerar as limitações da pesquisa nesta avaliação, pois além da dificuldade em se instituir limite deste questionamento, os surfistas podem assumir que corroboram esta situação. Contudo, em nosso levantamento sobre o entendimento dos Profissionais de Educação Física sobre os surfistas realizarem salvamento ao mesmo tempo em que praticam o surf, 74% dos entrevistados consideraram que os surfistas podem exercer esta função.

Estudo realizado em Portugal, pelo Instituto de Socorros a Náufragos (2001),<sup>8</sup> revelou que toda pessoa que se encontre em condições de prestar auxílio a outrem que esteja em perigo de se afogar não deve hesitar em prestá-lo. Na opinião de Rosa (2001),<sup>15</sup> os surfistas são atletas de águas turbulentas, têm bom condicionamento físico, conhecem os riscos do mar e praticam o esporte na zona de impacto, próximo as correntes de retorno, onde ocorrem normalmente os casos de afogamentos. Rosa considera que o surfista é um Guarda-Vidas nato, faltando lhe somente conhecimentos sobre abordagem da vítima, seu transporte e pronto socorrismo.

Considerando a análise referente a participação da CBSP em algum salvamento no mar, 84% dos entrevistados informaram que já tomaram parte de salvamentos. A saber, na compreensão de Machado (1978),<sup>9</sup> qualquer pessoa pode aprender sobre salvamento na água, desde que tenha perfeito domínio dos movimentos, para depois passar pelo treinamento específico.

O contato com as condutas de salvamento e o uso de equipamentos no salvamento de pessoas afogadas fornecem vivências importantes que podem possibilitar a prevenção do

afogamento. Em nossa pesquisa, alguns dados parecem concordar com o estudo de Rosa (2001),<sup>15</sup> pois 54% de nossa amostra, indicaram que já auxiliaram o guarda vidas diante de salvamento no mar.

Os estudos epidemiológicos<sup>6,17,19</sup> revelam que o afogamento configura situação de perigo para a vida humana, principalmente para crianças e jovens em torno de 0 a 14 anos, e este fato nos leva a pensar em mecanismos que possibilitem minimizar seus efeitos.

Não é sem razão que, notamos em alguns países, tomam-se medidas no sentido de democratizar conteúdo e metodologia pertinente ao salvamento de vidas humanas na água. Admitem inúmeros pesquisadores da área, dentre os quais Andrés, Gonzalez, Peresenda, Palácios, Valeiras, Porto, Tilló, além da Surf Life Saving Association Austrália, que a educação Física tem importante papel a desempenhar neste desafio. Posto que o objetivo de estudo da Educação Física é o homem em movimento, se constitua na variável de maior interesse deste processo.

Ocorre, contudo, que na realidade brasileira, salvo melhor juízo, a Educação Física escolar, federações, confederações, associações, escolas de surf e afins, não incluem, entre seus objetivos, a articulação do socorrismo com a saúde. De modo geral, o conteúdo contemplado nos programas de EF refere-se as práticas esportivas. Historicamente, conceitos básicos sobre socorrismo, enquanto elemento de promoção da saúde, não são abordados. A propósito, na concepção de Orlandin (2001),<sup>13</sup> é dado pouco valor aos socorros de urgência pelos profissionais e instituições envolvidas no ensino de graduação.

Em decorrência da interpretação dos resultados a partir das respostas assinaladas no questionário sobre o julgamento dos graduandos e graduados em Educação Física, 83% assinalaram que nunca viram nenhum surfista auxiliando um salvamento. Contudo, estes

mesmos entrevistados, 85% da amostra, apontaram que o surfista pode auxiliar pessoas se afogando.

O professor de Educação Física deve conscientizar seu alunado a cerca de que não prestar auxílio a uma pessoa em perigo é um delito, falta de solidariedade humana, visto que, por imprudência, ou imperícia, acidentes poderão ocorrer promovendo risco de vida ou levando a situações desastrosas, com conseqüentes seqüelas e até invalidez permanente, mencionam Novaes & Novaes (1994).<sup>11</sup> Inclusive, no entendimento de Peresenda (2001),<sup>14</sup> as técnicas de salvamento aquático podem enriquecer e tomar parte dos programas de natação nas escolas, favorecendo os alunos com a possibilidade de incrementar a confiança em si mesmo e em suas possibilidades de sobrevivência.

No entendimento de Moran (2005),<sup>10</sup> a educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. Para isto, podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes.

Para verificar a possibilidade deste incremento como elemento de capacitação, observamos que 54% de nossa amostra não costuma adquirir revistas especializadas em surf de peito, possivelmente porque elas ainda não existem no mercado brasileiro, contudo as de surf com prancha são abundantes e investem maciçamente, afim de promover aporte a visibilidade de sua marca.

No decorrer desta pesquisa, observamos alguns métodos de abordagem com uso da prancha de surf, a saber: método australiano e brasileiro. Percebemos que a técnica elaborada no Brasil, ao contrário do método australiano, não permite que a vítima de afogamento, após os primeiros atendimentos, ainda dentro d'água, retorne para o meio aquêo. Isto garante contribuição importante de oxigênio para a vítima de afogamento, salvo

haja algum imprevisto durante o retorno para a praia. Na compreensão de Szpilman (2001),<sup>17</sup> iniciar os primeiros socorros, ainda dentro d'água, reduz em 40% o índice de seqüelas devido à ausência de O<sub>2</sub> no cérebro.

Artifícios de fluutuabilidade, como é o caso da prancha de surf, possibilitam a não exposição do risco de salvar a nado o afogado. Segundo o entendimento de Gonzalez (1996),<sup>7</sup> as pranchas são úteis para aproximar-se da arrebentação ou lugares rochosos, onde é impossível se aproximar utilizando embarcações. No sentido de verificar a aspiração de da CBSP sobre curso de capacitação, 95% relataram que gostariam de se habilitar em salvamento aquático.

Considerando-se que não existe solução simplista para tão relevante assunto, o planejamento das federações, confederações, associações, escolas de surf e afins, deveriam incluir, no mínimo, conteúdo e procedimentos metodológicos do socorrismo aquático. Esta abordagem, séria e bem estruturada, promoveria cultura, deveria ir se aprofundando em consonância com níveis de conhecimento mais avançados. Esta seqüência lógica, garantiria aos surfistas acesso seguro e confiável sobre todo este processo de educação para a saúde. Posto que, a natureza biológica do homem, por si só, não garante sua humanização.

#### 4 CONCLUSÃO

A existência do afogamento entre crianças e jovens é fato estabelecido. Fica evidente a importância de medidas educacionais na infância. Da mesma forma, há consenso entre os pesquisadores da área de que a prevenção deva ser entendida como parte integrante do processo educacional. Neste caso, o que importa é o desenvolvimento educacional das crianças, além dos jovens e adultos, as quais, em condições ideais, deveriam ser instruídas

sobre o socorrismo aquático. Pressupõe-se, então, que a educação para a saúde deva ser cogitada no âmbito escolar. Não se pretende que os escolares manifestem um nível de conhecimento satisfatório sobre o socorrismo. O que se propõe, é que aos escolares seja oportunizado algum contato com o salvamento aquático e/ou o afogamento, que é a principal causa de morte involuntária global após os ferimentos de tráfego nas estradas e quedas.<sup>20</sup>

As informações até aqui evidenciam extensa preocupação na Região Sudeste do Brasil.<sup>6</sup> Contratar guarda-vidas não é suficiente! É necessário divulgar os métodos seguros de se prevenir e agir em casos de afogamento e com isso, minimizar a taxa deste tipo de ocorrência. Atualmente, fala-se tanto em segurança: segurança no trânsito, segurança pessoal contra violência das grandes cidades, mas não podemos nos eximir da segurança na água. Afinal, o lazer do nosso povo está aliado ao meio aquático.

No caminho de minimizar os casos de afogamento, ou seja, a prevenção, está o surfista. A julgar os resultados obtidos a partir deste estudo, saliento dizer que promover programas de capacitação que implemente a educação e a cultura do surfista é importante. Com isso, congrega-los e potencializa-los, e desta maneira, desenvolver e aprimorar de forma participativa e sustentada as políticas públicas voltadas para a área da saúde e da educação. Ou seria utópico cogitar que, esta é uma forma inteligente e eficaz de construir na comunidade surfista à consciência quanto a prevenir e ajudar pessoas em risco de afogamento?

O *surf* não é somente o esporte dos reis, é também o lazer, mas no momento oportuno, o surfista solicitado, deverá usar o seu conhecimento para auxiliar alguém em apuros. O estudo aponta que é importante multiplicar as técnicas diversas da cultura

corporal do movimento na água, não só do *surf*, mas também, e principalmente, de como preparar o surfista para intervir em casos de afogamento.

## 5 BIBLIOGRAFIA

- 1 ALMEIDA, D. F. **Surf**. 2001. 10 f. Resenha (Graduando em Educação Física - Iniciação Científica) – Faculdade de Educação Física das Faculdades Integradas de Guarulhos, 2001.
- 2 ANDRÉS, J. J. M. **La educacion física en la enseñanza media**. Madrid, Espanha: Universidad Laboral de Alcalá de Henares, 1970.
- 3 BABOGLUIAN, M. **Esporte, meio ambiente e qualidade de vida**. São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 4 BRASIL. Marinha do Brasil. Diretoria de Hidrografia e Navegação. Departamento de Geofísica: Divisão de Meteorologia. Banco Nacional de Dados Oceanográficos. **Sumario climatológico global**: distribuição de frequências absolutas e percentuais da temperatura da água do mar `a superfície. Informações acumuladas de janeiro de 1992 à julho de 1997. Dados recebidos por: <osniguaiano@aol.com>. Acesso em: 16 mar. 2005.
- 5 BRASIL. Marinha do Brasil. Diretoria de Hidrografia e Navegação. **Extensão da costa do Brasil**. Informações disponibilizadas pela Divisão de Cartografia. Dados recebidos por: <osniguaiano@aol.com>. Acesso em: 14 abr. 2005.
- 6 BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informação e Informática do SUS (DATASUS). **Tabela CID BR – 10**: óbitos por ocorrência por faixa etária segundo região - afogamento e submersões acidentais de 1996 à 2002. Brasília: MS/DATASUS. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br.html>>. Acesso em: 24 fev. 2005.
- 7 GONZALEZ, A. R. B. **Natacion y salvamento**. Montevideo: [s.n], 1996.
- 8 INSTITUTO DE SOCORROS A NÁUFRAGOS. **Manual do nadador salvador**. Lisboa, Portugal: Faculdade de Motricidade Humana, 2001.
- 9 MACHADO, D. C. **Metodologia da natação**. São Paulo: Epu, 1978.
- 10 MORAN. J. M. **O que é educação a distância**. Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2005.
- 11 NOVAES, J. S.; NOVAES, G. S. **Manual de primeiros socorros para Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.
- 12 OLIVEIRA, B. F. M.; Parolin, M. K. F.; Teixeira Junior, E. V. **Trauma**: atendimento pré-hospitalar. São Paulo: Atheneu, 2001.

- 13 ORLANDIN, K. P. **Principais ocorrências de acidentes na prática do profissional de educação física e suas atividades de emergência.** 2001. 118 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física) - UNESP, 2001.
- 14 PERESENDA, D. E. **Salvamento acuático, treinamento físico, técnico y psicológico.** Argentina: Ryc, 2001.
- 15 ROSA, C. P. **Utilização de mão de obra voluntária no sistema de salvamento marítimo.** São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 16 STEINMAN, E. H.; VASCONCELLOS, E. M.; RAMOS, J. L.; BOTELHO e M. V. NAHAS. Epidemiologia dos acidentes no surf no Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, vol. 6 – n. 1, p. 9-15. jan/fev 2000.
- 17 SZPILMAN, D. **Curso de salvamento aquático com prancha: introdução & vítima inconsciente.** São Paulo – SP. In: SIMPÓSIO PROJETO MARAZUL, 3, 2001. Anotações do simpósio.
- 18 SZPILMAN, D.; HIGA, E. M. S.; GUAIANO, O. P. Entendendo e prevenindo o afogamento. **Revista Pool-Life**, Guarulhos, SP, n. 65, p. 24 – 26. julho 2004.
- 19 SZPILMAN, D.; ORLOWSKI, P. J. Afogamento. **Revista Soc. Cardiol**, São Paulo, n. 2, p. 390 – 405, 2001.
- 20 WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Drowning.** Disponível em: <[http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/other\\_injury/drowning/en/index.htm](http://www.who.int/violence_injury_prevention/other_injury/drowning/en/index.htm)>. Acesso em: 21 de fev. 2005.
- 21 WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Drownings and injury could be spared through new WHO risk protection plan.** Disponível em <<http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr75/es/>>. Acesso em: 21 de fev. 2005.

**Fonte:**

GUAIANO, Osni Pinto. A intervenção do surfista no controle do afogamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA DO ESPORTE, 17., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, 2005. p. 85.